



José Cardoso Pires

Só aos domingos

Sempre aos Domingos, a televisão tem piedade de nós. Tarde e à hora dos restos, mas tem. De tempos a tempos, a santa padroeira dos lares e dos concursos celestiais, na sua infinita misericórdia, concede aos marginalizados e insofridos a graça dum programa de qualidade como este.

AOS DOMINGOS lá para as tantas, Deus, cansado de nos colonizar em brasileiro com a merda das telenovelas, adormece e deixa-nos no ecrã duas horas de inteligência que nos fazem amar o mundo em dignidade. À revelia da massificação televisiva, vemo-nos então frente a frente com Maria João Seixas e com um espaço de comunicação muito dela onde o olhar íntimo, a sensibilidade e o modo de questionar nos reconciliam com a nossa condição de cidadãos de consciência.

Sim, Sempre aos Domingos a televisão tem piedade de nós. Tarde e à hora dos restos, mas tem. De tempos a tempos, a santa padroeira dos lares e dos concursos celestiais, na sua infinita misericórdia, concede aos marginalizados e insofridos a graça dum programa de qualidade como este. Fá-lo como uma indulgência cultural distribuída a datas malignas e a tempos velhacos ou em fechos de emissão mais ou menos estremunhados e assim protege a pureza dos simples na sua dimensão popular. Muito democraticamente, dá a sua bênção ao chamado gosto das "maiorias com todos", fechando os olhos aos contrabandos e aos folclores mentais que lhes encham o prato. Aos que não gostam, esconjura-os por luxúria, sobretudo se invocam a demoníaca Lei de Gresham, segundo a qual "a cultura de massas rejeita por igual a alta cultura e a cultura popularmente autêntica".

Sempre aos Domingos, na semana passada, viajou pelo universo errante dos ciganos, essa gente que anda entre nós há tantos séculos. Gente que desconhecemos por preconceito. Que inventamos (em folclore de feira e navalha) e excluímos com culpabilizações fáceis, como está a acontecer na Ibéria apavorada pelo roubo e pela sida.

"O mundo inteiro não gosta de nós!", canta um ciganito de palmo e meio nesse poema cinematográfico que Maria João Seixas trouxe até nós. E logo adiante, uma jovem de beleza bravia lança a voz para alguém das civilizações afortunadas: "A ti foi uma cegonha/ a mim foi um corvo que me trouxe". E isto não é um lamento, mas uma declaração de diferença pela vida em liberdade.

Outra coisa: a linguagem. Importa sublinhar que, ao longo deste filme, marchas de terra em terra, desde o Oriente à Andaluzia, não é a fala que faz o discurso mas o canto (o "cante"); o canto e o baile, mãos e volteio, corpo, música, sapateado. E curiosamente esta referência vai bem a propósito com o programa de Maria João Seixas, porque é a expressão de comunicação que o torna tão pessoal. De resto, dois dos filmes mais comoventes de Sempre aos Domingos, um ("Speaking of Courage") fala de gajos, o outro ("Le Pays des Sourds") de surdos-mudos. No fundo, dois ensaios ao vivo sobre a comunicação humana na sua criatividade exemplar.

Mas aqui sou forçado a dobrar-me sobre mim mesmo, dêem-me licença. E recordo um fado mudo que descrevi há anos no romance "Alexandra Alpha". Nessa página andava eu pelo Poço do Bispo, Braço de Prata, quando, numa taberna que ainda lá está, fui descobrir um

mudo a cantar o fado acompanhado à guitarra por um cego.

"Fado do Arsenal", lembro-me bem. Uma assistência de bêbados, a guitarra a afinar e, na altura própria, o mudo a abrir as goelas. Sem soltar um som, silabou o fado que todos os presentes conheciam, batendo os lábios ao ritmo do instrumento, com as pausas, as voltas e os arrastados rufias que manda a regra. Fazia os gestos do fadista de raça, mas sem uma nota, um gemido, e assim parecia que cantava numa redoma à prova de som.

Mas, pasmai, fadistas, pasmai. Porque então começaram os bêbados a entoar e tudo ganhou outra figuração: um mudo na voz dum coro era como se fosse um ventríloquo a fazer-se ouvir em várias figuras ao mesmo tempo, pensei eu.

E eis que, fechado o meu romance nesse capítulo inventado e com alguns anos por cima, deparo, num Domingo de Maria João Seixas, com um coro de surdos-mudos a cantar com as mãos, num recital de gestos e de ritmos. O real imita o imaginado, observo então com deslumbramento.

Cantar de mãos, vozes de silêncio, alguém poderá esquecer uma comunicação tão íntima?

Lembro-me do "Blow-Up", de Antonioni, que termina numa metáfora de solidão com os personagens a jogarem ténis só com gestos, e de Ezra Pound, na vida real, a bolar pedras por cima duma ripa a fingir de rede no pátio da prisão de Pisa: o imaginário do real ultrapassando a magia da ficção.

Em Sempre aos Domingos alguém nos desperta para estas e outras reflexões de identificação com o nosso tempo. Sim, aos domingos, murmuro. Só aos domingos. ●